

me p. 9



POLÍTICA

Está aberto o caminho para a solução do impasse político que trava a economia. Até lá, porém, a crise deve piorar.

JORNAL DA TARDE

Incertezas na economia

A decisão tomada ontem pela Comissão de Sistematização é um passo importante em direção à solução do impasse político que está travando o processo de saneamento da economia. Mas, a curto prazo, aumentam as incertezas e tende a aprofundar a crise.

Fica difícil imaginar, por exemplo, que os credores externos se disponham a fechar um acordo econômico de longo prazo sem saber quem vai mandar no Brasil no ano que vem. E, sem uma solução para o problema da dívida externa, todas as soluções para os demais problemas econômicos também ficam pendentes.

A deflagração de um processo eleitoral, a partir de agora, acaba instalando uma rede de oleodutos que vai despejar ainda mais combustível na fogueira da inflação: se

num ano normal, como o de 1987, vamos ter um déficit público da ordem de 6 a 7% do Produto Interno Bruto, o que não vai acontecer em 1988 quando os prefeitos, governadores e o próprio governo federal apressarem obras públicas e passarem a irrigar seus redutos eleitorais?

Além disso, as próprias autoridades da área econômica, se já não tinham muito horizonte para tomar decisões, agora terão ainda menos. Se se confirmar, por exemplo, o regime parlamentarista, em março do ano que vem, o primeiro-ministro terá de escolher seu próprio ministério. As chances do atual ministro da Fazenda permanecer à frente do comando da política econômica tendem a reduzir-se na proporção do aprofundamento da crise.

É a própria crise econômica, por

sua vez, tende a aprofundar-se à medida que este governo estiver sendo corroído pela falta de credibilidade, pela falta de apoio político e, agora, pela falta de tempo.

Diante de um clima desses e diante do aumento das incertezas será também difícil atrair capital estrangeiro ou induzir os empresários a investir. Além do que, a conta da crise só tende mesmo a crescer por falta de autoridade que determine seu pagamento por toda a sociedade.

O problema é que toda sociedade tem seu limite de resistência à inflação. Em 1986, o Plano Cruzado foi decretado quando a inflação ia pular para o nível dos 20% ao mês. E o Plano Bresser saiu em junho deste ano, quando a inflação ameaçava atingir os 30%.

Ao ritmo de hoje, esses números estarão de volta lá por fevereiro e março do ano que vem, testando, outra vez, o limite de resistência da sociedade. A ameaça de hiperinflação tende a acirrar aquilo que os economistas chamam de conflito distributivo, ou seja, tende a acirrar a briga entre empresas e governo, trabalhadores e empresas, consumidor e produtor, os dois lados querendo se salvar do incêndio.

Em outras palavras, o deslanche da inflação num quadro de desgoverno e de falta de credibilidade para novo tratamento de choque tende a tornar-se, por si só, em novo fato político. Mas ainda é cedo demais para dizer que a transição terá que ser abreviada ainda mais.

Celso Ming



Ulysses: mantendo a posição, pelos cinco anos.

ULYSSES

"Sarney tem que partir para nova luta, pois tudo agora vai ser decidido no plenário."

O presidente Sarney tem que aceitar o resultado negativo e partir para nova luta; isso é o normal numa democracia", afirmou o deputado Ulysses Guimarães após a votação da Sistematização sobre o mandato presidencial. Admitiu a seguir que o resultado de ontem poderá ser revertido no plenário final da Constituinte, que acha mais representativo do que a Comissão. Ulysses frisou que não fez campanha a favor, embora defendesse os cinco anos de mandato para Sarney, e manterá essa mesma posição. "Ainda não é o resultado definitivo, pois devemos esperar o pronunciamento do plenário" — afirmou.

Convocação de eleições em 88 ou renúncia ao cargo — hipóteses que provocaram muitos rumores ontem, após a aprovação da redução do mandato presidencial — são decisões que competem exclusivamente ao presidente José Sarney tomar, segundo afirmou Ulysses ao deixar o Palácio da Alvorada.

Ulysses demorou menos de uma hora com o presidente Sarney, que encontrou "tranquilo e conversando", conforme relatou. "O presidente é um democrata. E como político, sabe que nem todos os re-

sultados lhe são favoráveis. Nem tudo é aquilo que a gente deseja", disse Ulysses.

Na verdade, o deputado Ulysses Guimarães tentou duas vezes, ontem à tarde, conversar com o presidente José Sarney por telefone, para informar o resultado da Comissão de Sistematização. No entanto, não houve retorno das chamadas telefônicas, o que chegou a preocupar o presidente da Constituinte. O ministro da Administração, Aluizio Alves, que esteve com Sarney no Alvorada, ficou sabendo e intermediou, alertando o presidente da República que, finalmente, convidou Ulysses para conversar.

Pacto Não

Ulysses disse não acreditar na realização de um pacto, entendimento nacional ou que nome venha a ter uma nova tentativa de acordo político com a participação do governo, lembrando que a disputa, com vitórias e derrotas, é da essência da democracia. "Essa história repetitiva de pactos, sem disputa, pode valer para famílias ou times de futebol, mas no embate político não se justifica", observou Ulysses. Acrescentou que o pacto não em sua opinião, "é a pró-

seleção Nacional Constituinte".

Ulysses Guimarães não acredita que a aprovação da redução do mandato do atual presidente venha a precipitar a campanha sucessória, frisando que isso dependerá da receptividade da opinião pública, e com base nela é que os candidatos deverão igualmente aparecer. Repetiu Ulysses que não é candidato a presidente nem a primeiro-ministro, embora seu nome sempre seja citado em tais condições. "Com relação a meu nome, qualquer definição será feita no momento oportuno", disse. Na saída de seu gabinete ainda comentou com jornalistas que "em hora de tiroteio o bom político deve se abaixar", dizendo referir-se ao presidente Sarney.

Apesar, no entanto, de suas declarações em contrário Ulysses Guimarães está mais presidencialista do que nunca. Após a votação da manhã de ontem — que ele acompanhou de seu gabinete, não comparecendo ao plenário nem negociando votos — ele gostou muito quando um jornalista indagou se agora iria começar sua campanha: "Você está lançando minha candidatura? Isso é muito bom".

Queixas

Pode não ser bom. A maioria do PMDB na Comissão — 31 a 18 — que preferiu diretas-88, não gostou nem um pouco da posição do presidente do partido. Ulysses Guimarães, mesmo não trabalhando pelas eleições em 89, diariamente dava declarações à imprensa, apoiando a posição de Sarney e reiterando sua posição de presidencialista.

Sábado à noite, o presidente do PMDB e da Constituinte parecia mais preocupado com a anistia do que com a duração do mandato. Talvez por sentir que não iria conseguir mudar as posições de seus liderados. Só com Sarney, Ulysses conversou pelo telefone pelo menos três vezes antontem.

O presidente do PMDB chegou ao Congresso por volta das 10h30, em companhia do ministro Luiz Henrique. Posaram para fotos de alguns turistas e ficaram no gabinete da presidência. Os políticos que conversaram com Ulysses e Luiz Henrique contaram, depois, que o presidente Sarney estava muito preocupado: "O presidente não quer se sentir acuado. A aprovação das diretas-88 significará deixá-lo acuado. Isso não é bom".